



III SRCCC
Seminário Regional
Comércio, Consumo e Cultura
nas cidades
Sobral-CE, 19 a 22 de junho de **2017**

MUDANÇAS, RECRUDESCIMENTO E RESISTÊNCIA DA FEIRA LIVRE DO CRATO-CE: estudo qualitativo

Francisca Maryane Pereira¹

Maria Soares da Cunha²

Maria Dayane Pereira³

RESUMO

Este artigo objetivou levantar reflexões críticas e estimular o debate sobre o processo de recrudescimento e/ou resistência de atividades na feira livre do Crato-CE. O estudo fundamenta-se numa abordagem qualitativa de natureza descritiva e embasa-se teoricamente em Carneiro (2014), Almeida (2009), Dantas (2007), Godoy (2005), dentre outros. A metodologia foi pautada em levantamento bibliográfico e trabalho de campo. Foi realizada observação no campo, aplicação de entrevistas semiestruturada junto a seis feirantes e seis consumidores da feira livre do Crato-CE, entre o período de 28 de Março a 04 de Abril de 2016. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de incentivos por parte dos órgãos públicos, visto que dos doze entrevistados todos relataram que a feira livre da cidade do Crato-CE sofreu uma grande redução em termos quantitativos de participantes, em sua área de abrangência e no raio de atividades.

Palavras chave: Feiras Livres. Mudanças. Resistência. Crato-CE.

1 INTRODUÇÃO

A intenção que aqui se pretende é refletir sobre as mudanças, o processo de persistência e resistência da feira livre do Crato-CE, diante de uma lógica do capital que visa homogeneizar os espaços econômicos, considerando o universo da pesquisa em um recorte temporal compreendido entre os anos de 2006 a 2016.

Situando-se geograficamente, a cidade do Crato está localizada no Sul do estado do Ceará, no sopé da chapada do Araripe, a 516 quilômetros da capital Fortaleza, na região conhecida por Cariri, que

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: framaryanefb2011@gmail.com

2 Profª. Drª da Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: maria.soares@urca.br

3 Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, E-mail: dayanemp93@gmail.com

é composta pelos municípios de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Caririáçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. O município possui uma população de 121.428 habitantes, que representa 1,38% da área total do estado do Ceará (IBGE, 2010). Este contingente populacional espalha-se pelos interflúvios e pelos fundos de vales existentes na área urbana e rural (GUERRA; SAMPAIO, 1996).

De modo sucinto, as feiras-livres podem ser consideradas uma das formas mais antigas de comercialização. Constituem-se em importantes espaços culturais e de socialização, um local de encontros e reencontros, de disputas e atividades produtivas, mas também um espaço de resistência, diante de um contexto marcado pelo investimento e valorização comercial, no qual viram protagonistas as redes de supermercados, hipermercados e varejões.

Ao olhar o álbum da retrospectiva histórica da feira livre do Crato, em cenário da década de 1960, a imagem é de um espaço que ocupava o terceiro lugar, em volumes de negócios, na região Nordeste. Atualmente, pode-se identificar uma intensa retração que revela esse espaço como um lugar que resiste para continuar existindo. Nessa perspectiva, a problemática da pesquisa volta-se para a investigação do processo de resistência e permanência da feira livre do Crato na dinâmica socioespacial da cidade, em um contexto de ausência de incentivo e ou investimento público. Um questionamento importante está em verificar e discutir os possíveis procedimentos que possibilitariam a viabilização e preservação desse misto de comercialização, mas também de atividades políticas e culturais.

Diante dessa realidade alguns questionamentos tornam-se pertinentes e inevitáveis: como pode ser estudada atualmente a feira livre do Crato-CE? Porque persistem estes espaços de comercialização em uma era de avanços técnico-científicos que modificam profundamente as relações humanas e de negócios comerciais? A impossibilidade de integração aos mercados mundiais torna a feira um tipo de comércio em desacordo com sua época? Existem estratégias dos feirantes da feira do Crato para continuar com essa atividade e (re)produzir suas condições materiais de existência? E porque os consumidores continuam comprando na feira?

A escolha do objeto, e conseqüentemente da área de estudo, justificam-se por duas razões de caráter pessoal e acadêmico. A razão primeira da escolha da temática em questão adveio dos relatos orais rememorados pelos avôs das autoras (Pereira e Pereira) que frequentavam mensalmente a feira, restando lembranças das relações, sentidos e significados desse espaço em suas vidas. O segundo motivo está relacionado à carência de estudos de caráter acadêmico referente à temática da feira livre no contexto intra-urbano do Crato-CE e também na dinâmica do aglomerado urbano conhecido como CRAJUBAR, constituído pelos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

No que diz respeito à importância desse estudo, acredita-se que a pesquisa contribui nas discussões sobre o espaço do comércio e do consumo no momento contemporâneo, com especial

atenção a presença das feiras livres como um lugar de representatividade cultural, simbólica e comercial no espaço intra-urbano.

Assim, para melhor desenvolver os objetivos aqui traçados arquitetou-se a estrutura do trabalho da seguinte maneira: introdução em que abre espaço para os objetivos, relevância e justificativas do trabalho; seguindo, faz-se uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento do estudo, o levantamento bibliográfico acerca da temática feira livre, comércio e consumo; prossegue-se com os resultados e discussões que resultaram em quatro tópicos: a feira fazendo e formatando o espaço da cidade; desenvolvimento local: de protagonista a coadjuvante no cenário econômico; a feira do Crato-CE: os discursos de resistência na fala de feirantes e consumidores; memórias saudosas dos dias de feira: “era como uma festa”, finalizando com uma breve conclusão.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para construção do presente trabalho, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo de campo. Aproximando-se das contribuições de Minayo (2001, p. 22) sobre o assunto, esse tipo de pesquisa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

De modo geral, a metodologia adotada para fundamentar o trabalho dividiu-se em duas etapas: a de levantamento teórico e a outra prática/empírica. Na etapa teórica, foi feito um levantamento preliminar de dados estatísticos acerca do município do Crato-CE na base de apoio virtual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Logo após, foi feita revisão bibliográfica buscando-se material em sites, no acervo documental do Laboratório de Ensino de Geografia (LEG) da Universidade Regional do Cariri (URCA) e na biblioteca central da referida instituição. Foi localizado uma série de trabalhos, incluindo artigos, livros, monografias, dissertação e teses que tratam da temática feira livre.

Essa fase, conforme Fonseca (2002, p. 31) é muito significativa, pois nenhuma pesquisa pode se desenvolver com sucesso sem antes realizar um trabalho de discussão teórica. Em suas palavras “[...] qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto [...]”. Na segunda etapa foi realizado o trabalho de campo, com visitas ao local de estudo no intuito de observar e coletar dados pertinentes à pesquisa. Ainda de acordo com Fonseca (2002, p. 34) a pesquisa de campo, “[...] consiste na coleta dos dados junto aos sujeitos estudados”.

Corroborando com as discussões no assunto Cruz Neto (2001, p. 51) complementa que “[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

As técnicas empreendidas para obtenção de dados compreenderam a observação e a entrevista do tipo semiestruturada. A mesma teve como sujeitos os feirantes e consumidores. A entrevista semiestruturada, segundo (TRIVIÑOS, 1987, p. 146) “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.”

A entrevista destinada ao primeiro grupo (feirantes) continha 10 questões. Enquanto que a do segundo grupo (consumidores) continha 06 questões norteadoras. As perguntas direcionadas aos feirantes foram às seguintes: qual seu nível de instrução? Há quanto tempo trabalha nessa feira com esse tipo de mercadoria? O (a) sr.(a) trabalha em outras feiras? O surgimento das grandes redes de supermercados ocasionou a diminuição do número de clientes da feira? Alguém de sua família trabalha ou já trabalhou na feira? Considera o local apropriado para a realização da feira? O (a) sr.(a) paga alguma taxa pelo local que ocupa? Existe um conselho de feirantes que discute as normas de funcionamento e os problemas da feira junto aos representantes públicos? O que faz o (a) sr.(a) permanecer com essa atividade? O que tem a falar da feira do Crato-CE?

Para os consumidores foram feitas as seguintes perguntas: qual seu nível de instrução? Há quanto tempo você frequenta a feira? Com que frequência o (a) sr.(a) vem à feira? Quais os principais produtos que o (a) sr.(a) procura na feira? Por que o (a) sr.(a) vem adquirir seus produtos aqui na feira? O (a) sr.(a) percebe alguma mudança na feira ao longo do tempo que frequenta?

A escolha da entrevista semiestruturada é importante, pois permite ao entrevistador uma participação ativa, uma vez que, mesmo seguindo um roteiro de questões, pode acrescentar novas perguntas para enriquecer e favorecer a compreensão do cotidiano, da história, das vivências e experiências dos sujeitos sociais da pesquisa. Em concordância com Gaskell (2002, p.65), pontua-se que as entrevistas qualitativas ajudam na “[...] compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 28 de março e 04 de abril de 2016, sendo realizadas ao total doze entrevistas. Os registros foram captados mediante gravação. Cabe elucidar que houve autorização dos sujeitos da pesquisa para utilização do gravador.

3 FEIRA LIVRE: aproximações iniciais do tema

Este trabalho se insere na linha de estudos do espaço do comércio e do consumo, com destaque para as contribuições de Pintaudi (2009, p. 57), que nos ajuda a entender que “[...] o lugar do comércio pode ser entendido quando se considera o tempo, pois é a articulação entre as categorias espaço e tempo que nos fornece a pista para entender a verdadeira dimensão material de um lugar numa sociedade cujo movimento é comandado por um objetivo principal – o lucro”.

Para tanto, escolheu-se a feira como um evento geográfico, ligado ao comércio e consumo. O estudo desse fenômeno é uma das formas de entender o espaço geográfico. Ainda conforme Pintaudi (2009, p.58):

O espaço geográfico é, pois, de natureza social antes de tudo, e as transformações que nele ocorrem são orientadas por leis de acumulação de capital. E são essas leis que vão compor o conjunto de saberes que nos permitem compreender os lugares de comércio e consumo no âmbito do conhecimento geográfico.

Seguindo a essa lógica de pensamento e resgatando um pouco da historicidade do sistema comercial em discussão, destaca-se que as feiras livres constituem uns dos locais de comercialização mais antigo da história da humanidade. Associadas às unidades de produção familiar e domésticas, ela pode ser considerada como uma atividade do espaço do circuito de fluxos inferiores informais. Sua existência confunde-se e integra-se a própria estrutura cultural das nações. O circuito de fluxos inferiores divide-se entre: circuito inferior informal formado por unidades de produção familiar, ambulantes, feirantes, etc; e circuito inferior formal constituído pelas microempresas, pequenas empresas em geral, nesse caso, nota-se a presença da atuação do estado e sua racionalização (CARNEIRO, 2014).

De acordo com Sousa (2004), o fator preponderante para a origem das feiras está na formação de excedentes de produção e na própria necessidade de reprodução da existência de um ambiente que reúna todos os produtos disponíveis, com o intuito de estabelecer um intercâmbio de mercadorias, para se obter produtos que não se tem condições de produzir.

Historicamente, atribui-se o processo de consolidação das feiras ao período da Idade Média, contexto em que houve a ampliação das práticas comerciais de venda dos excedentes nas sociedades europeias. A partir da revolução comercial, no século XI, as feiras passaram a apresentar notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos (ALMEIDA, 2009).

No caso do continente latino americano, as feiras e mercados, quanto à sua origem, podem ser reunidas em dois grupos: “[...] um formado pelos países que já possuíam praças de mercado antes da chegada dos colonizadores e, o segundo grupo, no qual o Brasil está incluso, refere-se aqueles onde as

feiras e mercados são consideradas inovações que eram desconhecidas até então pela população nativa” (DANTAS, 2007, p.68).

Trazendo a discussão especificamente para o Brasil, as feiras livres são registradas desde os tempos da colonização. Discutindo a questão e analisando o fenômeno Pinto e Carneiro (2014, p. 60) ponderam:

A origem da feira no Brasil confunde-se com a própria história, com uma tradição cultural vivificada e existente até hoje. Logo, foi com a chegada dos portugueses no Brasil, que se deu a origem delas, espalhando-se por algumas cidades brasileiras e que lhes dão destaques atualmente. Desse modo, a feira é um lugar cultural e um evento que, por sua vez, atrai pessoas de diversos lugares do seu entorno e, em certos casos, de outros estados, numa função direta do tamanho de sua centralidade ou função central de comércio.

O primeiro estabelecimento de uma feira no Brasil data de 1548, em que foi ordenado no regimento enviado ao então governador geral Dom João III que fossem realizadas feiras nas vilas e povoados uma vez por semana ou até mais, caso necessário, para que os nativos pudessem vender os seus produtos e comprar aqueles que não produziam e necessitavam (MOTT, 1975 apud DANTAS, 2007).

Ainda segundo o pensamento de Dantas (2007, p. 72) é:

[...] inegável que foi na região Nordeste que esse modelo de mercado tenha conseguido maior êxito em função, principalmente, da própria formação socioespacial da região, das condições socioeconômicas da população, dos meios de comunicação, do tipo de agricultura e pecuária praticadas na região.

Embora, a grande retração desse espaço nas últimas décadas, em decorrência, principalmente da expansão das redes de varejo e supermercados regionais, as feiras ainda são um importante local de produção e reprodução das existências relacionais humanas nas suas mais diversas dimensões, sejam elas econômicas, culturais, políticas e de identidades. Dantas (2007, p.125) reitera que:

A feira [...] se mantém como uma importante alternativa de consumo para a população, embora, diante do crescimento e da modernização pelas quais passou o Setor Terciário, [...] a feira não venha mais ser a única forma de abastecimento alimentar, uma vez que, a partir desse momento, a população disporá de uma série de equipamentos que atenderão da mesma forma às suas necessidades.

Forman (2009, p. 115, grifo do autor), classifica as feiras da região Nordeste do Brasil em três tipos:

[...] *feira local*, ou feira de consumo dos compradores rurais; a *feira de distribuição*; e a *feira de abastecimento*, ou feira de consumidores urbanos. Estes tipos existem simultaneamente,

mas não há um fluxo permanente de mercadorias e de pessoas de uma para outra; e tampouco o sistema de comercialização interna do Nordeste brasileiro se limita a estas arenas de trocas.

A feira livre da cidade do Crato-CE se enquadra na terceira tipologia. Pois a mesma é uma feira urbana, tem como finalidade abastecer as pessoas que ainda optam por esse tipo de comércio. A feira acontece toda semana. Nos dias de segunda feira, iniciando por volta de 05 horas da manhã e os feirantes costumam desmontar as barracas a partir das 14 horas.

A grande parte das publicações relacionadas à categoria feiras livres focaliza a análise e as reflexões considerando essa modalidade de comercialização como um evento espacial, que inclui as dimensões política, cultural e simbólica. De acordo com Maia e Carneiro (2014, p. 113) “[...] a feira livre representa um patrimônio do campo e da cidade, marca territorial de sua origem e do lugar”.

Sobre o assunto Batista e Carneiro (2014, p. 120) ponderam que a feira livre é “[...] ponto de encontro, sobretudo, hoje, entre urbanos, isto é, entre populações que se deslocam da própria cidade ou cidades diversas, do mesmo estado ou de estados diferentes”. No caso da feira do Crato, entre sujeitos do urbano e também de localidades rurais.

Godoy (2005, p. 6) afirma que essa modalidade comercial ostenta um grande potencial “[...] enquanto espaço de comercialização e de relações socioeconômicas, bem como em termos de geração de oportunidades e de viabilização dos excluídos pelo sistema econômico moderno.” Seguindo uma análise relacionada mais ao aspecto simbólico dessa categoria, Carneiro (2014, p. 153) afirma que:

A feira livre representa, para o sertanejo nordestino, uma das formas simbólicas espaciais mais notáveis de manifestações humanas ligadas à cultura popular. Esta, muitas vezes, é invadida e distorcida pela racionalidade dominante, sistêmica, contudo resiste, de diferentes maneiras, como pode, inclusive, mediante o seu engajamento em atividades produtivas informais.

A hegemonia contemporânea das grandes redes de supermercados e a formalização globalizada da economia relega as feiras livres a modalidades secundárias de comercialização. Nesse sentido, a feira é concebida como um instrumento pouco orientado para o futuro, para o êxito, de baixa inovação. Essa percepção negativa atribuída à feira, somada a ausência de apoio governamental, tem implicações diretas nas retrações relacionadas às suas áreas físicas e de aspectos que dizem respeito aos elementos de sua reprodução, portanto, manutenção e permanência.

Considerando o recorte espacial da feira livre da cidade do Crato-CE, ela está localizada nas proximidades do Mercado Público Walter Peixoto, ao lado do canal do Rio Granjeiro, mais especificamente na Rua Antônio Alves de Figueiredo. Atualmente, manifesta-se para muitos que se deslocam por essa área como um evento espacial em declínio, devido à redução de tamanho ocupado e pela diminuição do número de frequentadores. Em estudos realizados por Bacurau (2009) constata-se

que o número de feirantes, conseqüentemente a quantidade de barracas e o espaço físico ocupado vêm diminuindo dramaticamente nos últimos anos.

Estudos realizados por Júnior; Silva e Oliveira (2007) relataram que na cidade do Crato-CE ocorreu à expansão de redes atacadistas e a implantação de supermercados formando redes regionais de comercialização. Provavelmente esse é um dos fatores que ajudam a explicar a redução da feira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Caminhando para a discussão dos dados deste trabalho, referente à investigação sobre as mudanças, resistência e permanência da feira livre do Crato-CE, diante de uma lógica do capital que objetiva a homogeneização dos espaços econômicos, as questões realizadas nas entrevistas permitiram escrever os seguintes tópicos: a feira fazendo e formatando o espaço da cidade; desenvolvimento local: de protagonista a coadjuvante no cenário econômico; a feira do Crato-CE: os discursos de resistência na fala de feirantes e consumidores e por último, memórias saudosas dos dias de feira: “era como uma festa”.

4.1 A FEIRA FAZENDO E FORMATANDO O ESPAÇO DA CIDADE

Semanalmente, erguem-se nas manhãs das segundas-feiras, como já descrito em trechos anteriores, ao lado do canal do Rio Granjeiro, mais especificamente na Rua Antônio Alves de Figueiredo, estruturas metálicas cobertas de lona formando as diversas bancas para realização de mais um dia de feira na cidade do Crato. Nas segundas-feiras por algumas horas ocorrem mudanças na dinâmica da cidade do Crato. Dessa forma e com base no descrito por Almeida (2009, p. 26), pode-se afirmar que: “[...] uma característica peculiar das feiras livres é a utilização de um espaço, que é alterado com a sua realização e que, após, volta ao arranjo original, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as trocas possam ser realizadas”.

A feira do município do Crato inicia-se por volta das 5 horas da manhã permanecendo até as 14 horas. Em março e abril de 2016 ela possuía aproximadamente 80 barracas. Esse número não possui registro oficial, podendo apresentar alguma alteração, pois de acordo com os relatos de alguns feirantes existem alguns proprietários de barraca que não frequentam toda semana.

Por não existir cooperativa e nem sindicatos de feirantes não há restrição, nem fiscalização com relação aos produtos que são vendidos pelos feirantes. Essa é uma explicação para a grande variedade de produtos comercializados na feira livre do Crato-CE, que não segue o padrão comercial de um sistema

de comercialização mais formal. Dessa forma, emergem outras formas de comércio conhecidas popularmente como feira do rolo e xepa, que se localizam em uma área mais deslocada da parte principal de concentração das barracas tradicionais.

Há algumas décadas, a feira livre era o espaço preferido dos cratenses e dos moradores das cidades circunvizinhas para a realização de suas atividades comerciais e sociais. Porém, hoje não atrai a grande maioria dos moradores do Crato, apresentando uma grande retração diante da implantação e da expansão de estabelecimentos modernos de compra/venda. Para as pessoas que frequentam a feira, esse lugar não é apenas para fazer compras, vendas ou realizar trocas. É também um local de encontros e reencontros, das “conversas fiadas” e até mesmo um ponto de diversão.

O espaço da feira do Crato tem uma forte representatividade cultural. Para a maioria das pessoas que fazem a feira acontecer, sejam feirantes ou consumidores, ela é um dos lugares marcantes de sua história nessa cidade. O apego vem desde tempos de criança quando frequentavam esse local com seus pais ou avós, para fazer compra ou para ajudar seus familiares na comercialização dos produtos, permanecendo até a atualidade.

4.2 DESENVOLVIMENTO LOCAL: de protagonista a coadjuvante no cenário econômico

Segundo os entrevistados, nos dias de segunda-feira com a realização da feira livre a cidade ficava repleta de pessoas, para negociar, fazer compras ou só para socializar. Frequentavam a feira, residentes da própria cidade, moradores de cidades próximas e até estados vizinhos dentre os quais foram destacados os estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Piauí.

Com base nos estudos realizados por Bacurau (2009), na década de 1950 a feira livre do Crato era bastante frequentada. Esse movimento advinha de alguns fatores como: a localização geográfica da cidade, que é circunvizinha de outras cidades importantes do centro sul. Crato constitui uma centralidade pela sua história como espaço de concentração de comércio e serviços. Na época era uma das cidades mais fortes dessa área do Ceará do ponto de vista do comércio.

De acordo com LÓSSIO apud OLIVEIRA (1998, p. 45) na década de 1950 a cidade do Crato “[...] contava com 28 estabelecimentos atacadistas, 323 varejistas, 413 industriais, 3 bancários e 3 cooperativas.” Ainda sobre o assunto, segundo informações do IBGE (1959, p. 184) na década em questão, as principais empresas industriais do Crato eram:

[...] Fábrica Aliança e Usina Babaçu, de extração de óleos vegetais; Exportadora Cratense e Irmãos Bezerra de Menezes e Cia, beneficiamento de algodão; Fábricas de Mosaicos ‘Leão’ e ‘Luceti’; Padaria Triunfo; Cerâmica Elba; Fábrica de Bebida Araripe; Serraria Monteiro e os seguintes engenhos: Lagoa Encantada, São Bento, Bebida Nova, Grangeiro, Muriti, Monte

Alegre, Melo, Brito, Pau Sêco, Santa Rita, B. Horizonte, Belmonte, São Vicente, Serra, Teimosa e Jacó.

Conforme Bacurau (2009), a feira do Crato na década de 1960 ocupava uma posição de destaque na região Nordeste. Nessa época existiam apenas duas feiras maiores que a do Crato em volume de negócios, a de Campina Grande, na Paraíba e a de Caruaru, em Pernambuco.

Com base no estudo elaborado por Figueiredo Filho (1968, p. 146), toda semana nas segundas-feiras o povo enchia as ruas para comercializar. Tinha gente negociando:

[...] nas praças de S. Vicente, do Rosário, e rua da Califórnia desde o encontro das Laranjeiras até o encontro da Rua da Vala; na Rua Grande, da Praça S. Vicente até quase a Praça do Rosário; dessa praça até o encontro da Califórnia e Formosa. Além disso é um dia de agitação em toda a cidade e nas estradas [...].

Diante do cenário apresentado fica visível o quanto a feira livre aquecia a economia da cidade do Crato-CE, sendo ela uma das principais protagonistas do comércio local. Na contemporaneidade esse cenário mudou, a feira livre encontra-se em um processo de recrudescimento, apresentando um reduzido número de comerciantes e de consumidores. Isso se justifica pela implantação e ampliação de outras formas de comercialização marcadas por inovações técnicas modernas. Pereira e Carneiro (2014, p.77) reforçam que:

[...] ao lado destas inovações técnicas, econômicas e, conseqüentemente, burocráticas, surge um setor da economia que se vê, de certo modo, desligado das influências diretas das atividades desenvolvidas em setores superiores da hierarquia produtiva, dotado de pouca modernidade e burocracia, estando assim, muito menos relacionados ao mundo do sistema.

Nos dias de hoje a feira do Crato-CE apresenta uma redução significativa, em termos de tamanho e número de frequentadores e feirantes, diferente do seu período inicial, em que constava com uma grande proporção de barracas e fluxo de consumidores e feirantes. Assim, vale ressaltar que, aquela que um dia foi a terceira maior feira da região Nordeste, em volumes de negócio, como já mencionado nessa escrita, atualmente encontra-se em um processo acelerado de recrudescimento.

4.3 A FEIRA DO CRATO-CE: os discursos de resistência na fala de feirantes e consumidores

Mesmo com a implantação de um grande número de redes de supermercados, hipermercados e varejões, ainda existem pessoas que continuam frequentando a feira livre da cidade do Crato-CE, seja para fazer compras ou para vender. Os motivos que levam esses sujeitos permanecerem movimentando esse tipo de comércio varia muito, como mostra o depoimento a seguir:

Meu nome é Dora. Conhecida como Dora do peixe. Moro em Juazeiro, tenho 43 anos, sou feirante em Crato, Barbalha e Juazeiro. Estudei até a 4ª série. Trabalho nessa feira há 30 anos. Comecei com meus pais, aí minha mãe faleceu quando eu tinha 16 anos e eu continuei vindo e até hoje. Criei meus filhos, tenho dois formados daqui da feira, mas na realidade hoje em dia a feira livre está acabando, devido a opção de supermercado, cartão. Antigamente o pessoal vinha pra feira que era tudo mais barato, comprava à vista, mas hoje em dia o povo tem mania de cartão e isso diminuiu as vendas. Tenho uma irmã que trabalha aqui e tem mais três sobrinhos que trabalha em Juazeiro, pra mim é ótimo aqui, mim sinto muito bem aqui e gosto de trabalhar no Crato. A gente paga uma taxazinha da limpeza, 4 RS por mês, pouca a taxazinha. Mas, eu não sei lhe informar se existe conselho de feirantes. Eu não tenho estudo pra arrumar emprego e quem não estuda só arruma trabalho assim e eu sou satisfeita com o meu. Pra mim a feira significa tudo que é onde eu tiro meu sustento, sustento meus filhos e tá bom demais. Me sinto bem, trabalho e gosto de trabalhar (Feirante da feira livre do Crato-CE, abril de 2016).

De acordo com o depoimento da feirante percebe-se que esse tipo de ocupação profissional já veio de seus familiares. Outros entrevistados também relataram essa sucessão, colocando isso como um dos motivos que fazem permanecer no negócio. Outro fator apontado por eles é o baixo nível de instrução que os impossibilitam de buscar outras profissões. Porém é comum ouvir dos feirantes que gostam da atividade. E que funciona até mesmo como uma terapia. O que dificulta é a falta de investimento público e a ausência de incentivos.

Com relação ao surgimento das grandes redes de supermercados e hipermercados eles afirmam que houve uma diminuição no número de clientes, provocando uma retração da feira livre do Crato-CE. Relacionam essa situação a uma série de serviços que a feira não oferece como o pagamento via cartão de crédito, a entrega em domicílio, o funcionamento da comercialização em período noturno.

Outro feirante entrevistado e que preferiu não se identificar, é um dos negociantes bem conhecidos da feira. Trabalha vendendo vários tipos de feijão e fava. Em suas palavras afirmou que:

Tá com 45 anos que trabalho nessa feira aqui. Também trabalho em Juazeiro. Com os grandes supermercados diminuiu um pouco as vendas. As pessoas vão pro mercantil, o pessoal vai à noite fazer compras, trabalha de dia e vão à noite fazer compra, lá tem de tudo aqui nós não temos. Tenho meu filho que trabalha comigo, esse local não é apropriado pra feira era bom quando era no centro, mas mudaram pra cá. Pago uma taxa mais é bem pequena, não existe conselho de feirante aqui. Eu permaneço trabalhando aqui porque me acostumei, aí estou por aqui há muito tempo. Eu não sei lê, não pude arrumar emprego, aí eu trabalhava na roça, depois passei a trabalhar aqui. Achei melhor que na roça e fiquei por aqui (Feirante da feira livre do Crato-CE, abril de 2016).

Para os consumidores, fazer compras na feira tem grande vantagem. Elas já têm o costume de frequentar esse espaço desde criança. A seguir, algumas respostas importantes que foram obtidas:

Me chamo Zulene. Sou daqui do Crato. Tenho 72 anos. Estudei só a alfabetização. Venho à feira desde eu moça, eu já vinha mais meu pai fazer a feira aqui. Aí eu fiquei vindo, compro feijão, goma, farinha, alho, pimenta, cebola. Eu venho comprar aqui porque eu gosto de escolher as coisas. Nos mercantil você compra aquilo que tiver, aqui você escolhe, eu gosto

de comprar coisas boas, eu acho bom vi fazer compra na feira (Consumidora da feira livre do Crato-CE, abril de 2016).

Maria Zuleide da Silva, resido no bairro Batateira. Estudei até a 2ª. Faz tempo que venho pra cá. Nasci e me criei aqui, sou filha natural do Crato. Sempre venho aqui, costumo comprar farinha, feijão, goma, verdura. Aqui é mais em conta, gosto de vi comprar na feira porque já conheço as pessoas. Você vai comprar as coisas nesses mercantil só tem uma coisa só. Aqui tem pra escolher, mas mia fia, a feira esta fraquinha, antes aqui era cheio, até pra andar era ruim, mas hoje num tem quase nem banca (Consumidora da feira livre do Crato-CE, abril de 2016).

Para as consumidoras, além de terem mais opções para a escolha dos produtos, o custo é mais acessível e se sentem bem no ambiente. O que fica perceptível nas vozes das clientes é a tradição que existe nesses espaços já que elas começaram a frequentar esse local há muito tempo com os próprios pais e continuam até hoje. Elas destacaram que nas últimas décadas a feira livre da cidade do Crato vem passando por um processo de retração.

Apesar de não apresentar a mesma grandiosidade em tamanho e em volume de negócios à feira ainda permanece no espaço-tempo da cidade do Crato, pois a mesma é carregada de sujeitos que demonstram o quanto a feira tem significado enquanto espaço de tradição, história e simbologias. Para suas rotinas atuais, do passado e para a própria cidade. Esse pode ser um fator que explica a feira como resistência no cenário econômico atual. A esse respeito Almeida (2009) coloca que as feiras não são momentos apenas para a movimentação de bens, mas de laços de toda a natureza, como a cognitiva, a afetiva, a social e a cultural.

4.4 MEMÓRIAS SAUDOSAS DOS DIAS DE FEIRA: “era como uma festa”

É muito comum ouvir em depoimentos, ler em escritos antigos, o quanto a feira do Crato era animada. Constituiu por um longo período, um verdadeiro ponto de encontro de pessoas para prosear, paquerar, enfim um espaço de socialização. As segundas feiras eram bastante aguardadas, pois a feira era vista como um dia de festa. Dessa forma e com base nos escritos de Menezes (1985, p.38), pode-se afirmar que a feira do Crato: “[...] corria animadíssima. A Travessa da Califórnia, nos cruzamentos com as Ruas da Vala, do Fogo, Grande, Formosa e Pedra Lavrada, completamente cheia. Estendiam-se no chão todos os produtos da fértil região, sem falar de outros artigos que, mui naturalmente, ali eram expostos.”

De acordo com Joaquim Pimenta (1949), nessa época a feira do Crato era a mais famosa do Estado do Ceará, pelo seu volume de pessoas e de mercado, expandia-se por diversas ruas, com a comercialização de vários produtos como: cereais, as frutas, os produtos manufaturados de cerâmica, de metal, de madeira, de couro. As mercadorias eram distribuídas e organizadas, segundo

sua natureza ou espécie, a Intendência Municipal determinava os pontos para a exposição das mercadorias.

Conforme o relato de uma consumidora bastante antiga os dias da realização da feira eram aguardados com grande expectativa e entusiasmo, pois ao mesmo tempo em que faziam as compras também se divertiam e reviam conhecidos. No depoimento:

Meu nome é Carmélia Gonçalves Pereira. Tenho 82 anos. Moro no sítio Carnaúba dos Marcos município de Farias Brito. Desde meus 15 anos venho à feira. A gente comprava tudo na feira, as lojas eram poucas e só quem ia comprar lá era as pessoas que tinha recurso. Eu vinha pra feira a cavalo. Mas não deixava de vir, pra nos era uma diversão. As ruas cheias de gente de todo lugar. Era um sufoco pra gente andar, também acontecia muito roubo. As pessoas aproveitavam a multidão pra abrir a bolsa do povo e levar o dinheiro. Uma vez me roubaram. Até hoje gosto de fazer minhas comprinhas na feira, mas estou vindo mas pouco, porque não posso vir só, ando com uma sobrinha minha, ai só venho uma vez por mês quando tiro o dinheiro do aposento. Mas, está fraquinha a feira, o povo tão vindo pouco, também a seca é grande, ninguém tem dinheiro, compra é nas bodega fiado. Mas aqui já foi muito bom, parecia dia de festa de tanta gente, tinha cantador, à gente podia conversar com os parentes que também vinha pra cá. Era uma diversão pra todo mundo. Aqui era muito animado, mas agora num tem mas quais nada, até as bancas é pouca (Depoimento de uma consumidora da feira do Crato-CE, abril de 2016).

A feira livre do Crato já foi, sem dúvida, um dos grandes atrativos dessa cidade. Pessoas da zona rural e urbana e até de outras cidades, visitavam esse evento semanal. E não era só para comprar. Como as opções de lazer eram raras e limitadas nas cidades do interior, as feiras surgiram também como uma opção de diversão, neste sentido a feira livre ganha um papel importante na vida das pessoas (ALVES, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Efetuar um estudo na área da geografia tomando como foco um evento sócio-espacial chamado feira não é uma tarefa das mais simples. Desse modo, acredita-se que a pesquisa realizada com seis feirantes e seis consumidores da feira livre do Crato-CE poderá vir a somar com as produções acadêmicas acerca da questão.

Através da realização da pesquisa teórica e empírica, foi constatado que a feira livre do Crato sofreu uma série de mudanças advindas de questões extra-locais, ligadas aos novos movimentos do capital, que afetam o comércio e o consumo. E também foi alterada por movimentos ligados a esses setores no Cariri, resultando em retração quanto ao número de participantes e também na sua área de abrangência. No momento atual o espaço de recrudescimento, de redução de seu tamanho é o mais percebido pelos frequentadores. O espaço físico apresenta-se com “vazios”, devido ao maior distanciamento entre uma barraca e outra. A circulação de pessoas ocorre de maneira tranquila já que a

quantidade dos fregueses também é menor em relação a momentos anteriores. Também ficou perceptível o enorme descaso do poder público municipal com esse evento, não existindo assistência pública ativa e eficaz para cuidar melhor do lugar ocupado pelos feirantes e consumidores.

Todavia, a resistência também é um marco. A feira livre se mantém todas as segundas-feiras. Apesar de apresentar inúmeras deficiências e fragilidades, esse evento semanal ainda é uma importante forma de comércio. Além disso, é um fenômeno cultural, de socialização na cidade, de reencontro de sujeitos que se deslocam de vários bairros do Crato e de outras cidades próximas, além dos que chegam da zona rural, para vender ou comprar.

Torna-se necessário esclarecer que as análises e os resultados gerais da pesquisa devem ser considerados como indicativos temporais das mudanças, resistência e permanência da feira livre do Crato, sendo importante a realização de outros estudos que acresçam mais informações e outras visões a essa temática. Uma das questões que apontam para novos estudos é se está ocorrendo um processo de desterritorialização na feira estudada. Esse é um ponto de partida para a continuidade dos estudos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemática de feirantes e fregueses da Feira do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, 2009. Disponível em: www2.fe.usp.br/etnomat/teses/fazendo-a-feira. Acesso em: 22 out. 2015.

ALVES, Alcicleide de Oliveira. **Uma análise sócio-cultural da feira livre de Guabira-PB.** Monografia (Licenciatura plena em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba. Guabira-PB, 2011. Disponível em: <http://dSPACE.bc.uepb.edu.br>. Acesso em: 7 de Jan. 2017.

BACURAU, Luiz Ronaldo de Brito. **A importância econômica e social da feira do Crato.** Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) Universidade Regional do Cariri, Crato-Ce, 2009.

BATISTA, José Fontes; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Os Circuitos Espaciais da Produção da Feira Livre de Pau dos Ferros-RN. In: CARNEIRO, Rosalvo Nobre (Org.). **Circuito Inferior e Fluxos Sócioespaciais: a Feira Livre de Pau dos Ferros-RN**: Mossoró: UERN, 2014.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Circuito de Fluxos Socioespaciais, Feira Livre e Espaço. In: CARNEIRO, Rosalvo Nobre (Org.). **Circuito Inferior e Fluxos socioespaciais: a Feira Livre de Pau dos Ferros-RN**. Mossoró: UERN, 2014.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Sousa; (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DANTAS, GeovanyPachelly Galdino. **Feira de Macaíba/RN Um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências

Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal RN, 2007. Disponível em: www.repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream. Acesso em: 22 out. 2015.

FIGUEREDO FILHO, José de. **História do Cariri**. vol III e vol IV. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1968.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

GUERRA, Antonio José Teixeira; SAMPAIO, Joana Jakeline de Alcântara. Processos erosivos acelerados, movimentos de massa e assoreamento na cidade do Crato - CE. In: **Anuário do Instituto de Geociências**, v.19, p.9 – 20, 1996.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GODOY, Wilson Itamar. **As Feiras- Livres de Pelotas, RS: estudo sobre a Dimensão Sócio-Econômica de um Sistema Local de Comercialização**. Tese (Doutorado em Ciência), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005. Disponível em: www.ufpel.edu.br/consagro. Acesso em: 22 out. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010 – Ceará**. Rio de Janeiro, 2011.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, 1959. V. 15. Ceará**.

JÚNIOR, Manuel Pedro da Costa; SILVA, Luciano Pereira da; OLIVEIRA, Maria Aparecida Silva. Características e satisfação dos consumidores de hortifrutícolas na feira livre do Crato-CE. In: **XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 22 a 25 de julho de 2007, UEL Londrina. Disponível em: www.sober.org.br. Acesso em: 22 out. 2015.

MAIA, Arilane Fernandes; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Circuito de Fluxos Inferiores Informais, Mundo da Vida e Feira Livre em Pau dos Ferros-RN. In: CARNEIRO, Rosalvo Nobre (Org.). **Circuito de Fluxos Socioespaciais: a Feira Livre de Pau dos Ferros-RN**, Mossoró: UERN, 2014.

MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu tempo**. 2. ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Sousa; (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, J. C. A. A problemática ambiental e o desenvolvimento urbano na cidade do Crato – Ceará. Dissertação de Mestrado – PRODEMA. UFC, 1998.

PEREIRA, Caio Anderson de Oliveira; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Circuito de Fluxos Informais, mundo do Sistema e Feira Livre de Pau dos Ferros-RN. In: CARNEIRO, Rosalvo Nobre (Org.). **Circuito de Fluxos Socioespaciais: a Feira Livre de Pau dos Ferros-RN**, Mossoró: UERN, 2014.

PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

PINTAUDI, Silvana Maria. Anotações sobre o espaço do comércio e do consumo. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda (Org.). **Cidade e comércio – a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

PINTO, Francisco Ringo Star; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. A Feira Livre de Pau dos Ferros- RN: Espaço e Tempo. In: CARNEIRO, Rosalvo Nobre (Org.). **Circuito Inferior e Fluxos Socioespaciais: a Feira Livre de Pau dos Ferros-RN**, Mossoró: UERN, 2014.

SOUSA, Luis Gonzaga de. A origem das feiras. In: **Memórias da Economia: a realidade brasileira**. S.l.:Eumed.net, 2004. p. 194-199. Disponível em: www.eumed.net/cursecon/libreria. Acesso em: 21 out. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, São Paulo: Atlas, 1987.